



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

Ufa! Chegamos ao volume 10 de nossa revista. São 9 anos de existência, pois ela foi lançada em 2015. Ela vem saindo semestralmente, cada número rigorosa, regular e pontualmente no início do semestre. Contando o presente número (volume 10, número 1, 2024), já seriam 19 números publicados. “Seriam”, porque houve vários números extras, como suplementos. Em 2020 saíram dois suplementos, dedicados aos discursos sobre a pandemia da covid-19. O volume 6, número 3, 2020, contém textos em português. O volume 6, número 4, 2020, consta de artigos em inglês, sendo dois da Áustria (Alwin Fill e Richard Alexander), um da Alemanha (Peter Finke). Os demais são da Argentina (Diego Forte), de Cingapura (George M Jacobs e Chau Meng Huat), da Índia (Rajendra Kumar Dash) e um brasileiro (Ubirajara Moreira Fernandes, residente nos EUA). É, portanto, um número efetivamente internacional.

O terceiro número suplementar é o volume 7, número 3, 2021, que consta de trabalhos apresentados no V EBIME (Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística), realizado de forma remota nos dias 13 a 15 de setembro de 2021. Diga-se de passagem que o v. 7, n. 1, 2021 que o precedeu foi dedicado inteiramente à análise do discurso ecossistêmica (ADE), sendo o primeiro deles em inglês (Hildo Honório do Couto, Elza Kioko N. N. do Couto, Anderson Nowogrodzki da Silva) e o último apresenta a proposta de uma jurislinguística (Tadeu Luciano Siqueira Andrade). O último número extra é o v. 9, n. 3, 2023. Ele consta de um único artigo, se podemos chamá-lo assim, pois se trata de um ensaio de 50 páginas com o título de “Por uma gramática ecossistêmica do português brasileiro” (Hildo Honório do Couto, Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto), como uma espécie de ensaio para a elaboração de uma *Gramática ecossistêmica do português*.

ECO-REBEL

Voltemo-nos para o presente número 1 do volume 10, 2024. Ele consta de seis artigos, sendo três deles de autores estrangeiros (um em inglês, da Polônia), outro em espanhol (da Espanha) e o terceiro em português lusitano (de Coimbra, Portugal). Passemos em revista todos eles.

O primeiro é “Biosemiotics in the postclassical paradigm: Complementarities of local VE nonlocal relating”, de Marta Bogusławska e Małgorzata Haładewicz-Grzelak, da Polônia. Ele defende um modelo (eco)linguístico holístico, que integre as dimensões da linguagem, como uma manifestação da vida. O segundo artigo é “Reflexiones sobre la ecolingüística y el análisis crítico del discurso”, de Isabel Gallego Gallardo, de Cádiz, Espanha. O objetivo é apresentar a ecolingüística aos leitores, sobretudo da Espanha, país em que a disciplina não tem tido muita guarida, principalmente no domínio “castelhano”, pois na Catalunha, na Galiza e no País Basco tem havido significativas produções de caráter ecolinguístico. O terceiro texto é “Os *verbos frasais* ingleses e o potencial referencial da língua”, de Márcio M. G. Silva (outro autor brasileiro residente nos EUA). Trata-se de um tópico altamente interessante, pois apresenta argumentos de endoecologia linguística que favorecem o fato de o inglês ser uma língua franca internacional, como a alta maleabilidade para formar novos itens lexicais, o que aumenta o poder referencial-comunicativo da língua. Outros fatores contribuíram nesse sentido, tais como o poder econômico dos países anglófonos.

O quarto artigo, “Onomatopeias brasileiras: uma visão linguístico-ecossistêmica” de Hildo Honório do Couto, Anderson Nowogrodzki da Silva & David Borges de Albuquerque, também apresenta uma inovação interessante. Contrariamente aos artigos sobre onomatopeias disponíveis – que analisam apenas exemplos colhidos em textos publicados em revistas em quadrinhos e assemelhados –, os autores se esforçaram a fim de incluir apenas onomatopeias que ocorrem nas interações comunicativas no cotidiano dos brasileiros. Outra inovação é o fato de os dados serem interpretados partindo da teoria da linguística ecossistêmica. Por fim, o artigo defende a tese de que as onomatopeias devem integrar as “gramáticas” do português, pois elas ocorrem com relativa frequência no dia a dia dos falantes.

O quinto ensaio provém da área da biologia (botânica), disciplina que dialoga muito bem com a linguística ecossistêmica. Trata-se de “Fitozoônimos associados a espécies de Myrtaceae, Solanaceae e Poaceae na Bahia”, de Mydian Cristiane da Rocha Santos, Eraldo Medeiros Costa Neto, Paulo Sérgio Neves dos Santos, Gilberto Paulino de Araújo,

ECO-REBEL

Cássia Tatiana da Silva Andrade. Como dizem os autores, o penúltimo dos quais é ecolinguista, “o presente trabalho, por meio da perspectiva da ecolinguística e da semântica, analisa a formação e estruturação dos nomes populares de espécies das famílias Solanaceae, Myrtaceae e Poaceae presentes no acervo do Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS)”. Portanto, está perfeitamente no âmbito de interesse de *ECO-REBEL*.

O sexto texto é um artigo-resenha de Adelaide Chichorro Ferreira, sobre o livro *Die Ökologie des Wissens: Exkursionen in eine Gefährdete Landschaft*, do ecolinguista alemão Peter Finke. Apesar de ser um texto já bastante antigo, a autora da Universidade de Coimbra decidiu voltar a ele e mostrar quão atuais são as ideias nele contidas. Diga-se de passagem que Peter Finke é um dos criadores da linguística ecossistêmica.

O presente número da revista contém ainda uma resenha e um obituário. A resenha (feita por Márcio M. G. Silva) é do livro *Lengua quechua, conocimiento etnoecológico y biodiversidad: una exploración desde la ecolinguística*, da boliviana Marina Arratia Jiménez. Trata-se de um livro inovador por vários motivos: é o primeiro livro que expõe a ecolinguística (inclusive a linguística ecossistêmica) em espanhol; é o primeiro a utilizar esta disciplina para falar do cultivo de tubérculos, sobretudo a batata, nos Andes; é o primeiro a utilizá-la para falar, já no final do livro, da importância da linguística ecossistêmica para o estudo da situação das línguas indígenas, com ênfase no quéchua. Por fim temos o obituário da estudiosa fino-dinamarquesa Tove Skutnabb-Kangas que, apesar de não ser uma ecolinguista propriamente dito, sempre atuou em áreas que são de interesse dos ecolinguistas.

Enfim, até o volume 10, número 2, 2024, quando fecharemos um ciclo e iniciaremos outro, que esperamos que seja mais internacional.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 10, n. 1, 2024.